

Ribeirinhos do Rio Marinaú **Construindo Histórias Visuais na Comunidade São Sebastião**¹

Silvia Helena dos Santos Cardoso, FAV/ILLA/UNIFESSPA/PA
Etnografia; Poética Visual; Povos da Floresta.

Resumo

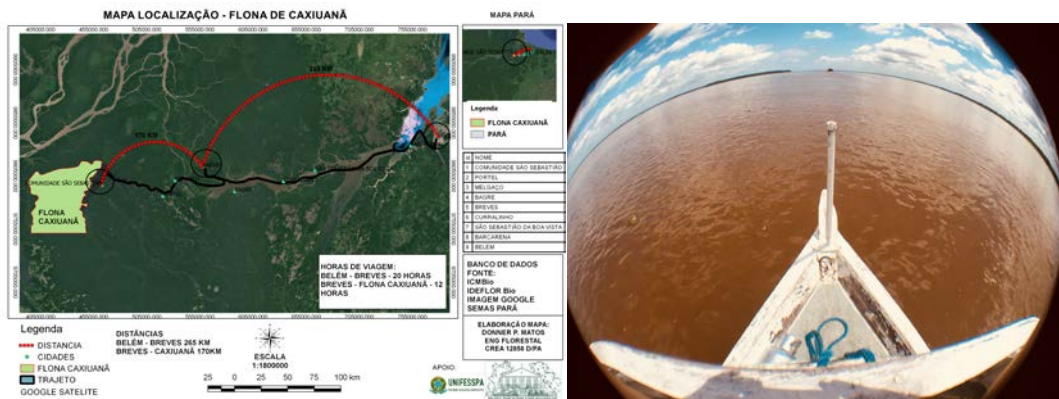
Ribeirinhos do Rio Marinaú – Construindo Histórias Visuais na Comunidade São Sebastião é um texto preliminar de uma experiência em residência artística realizada na Flora de Caxiuanã (2018) no Arquipélago do Marajó no Pará. A partir de uma oficina em audiovisual, os adolescentes ribeirinhos, estudantes da escola pública municipal, participaram produzindo imagens fotográficas e em movimento, além de narrar histórias reais ou imaginárias inseridas no cotidiano na floresta amazônica. A análise contou com referências teóricas em Artes e em Antropologia, e filmes documentários que instrumentalizam a forma do fazer cinema. A Etnografia como descrição e coleta de culturas é defendida como um processo poético visual semelhante à Arte Contemporânea.

Abstract

Ribeirinhos do Rio Marinaú - Building Visual Stories in the Community São Sebastião is a preliminary text of an artistic residence experience held in Flora de Caxiuanã (2018) in the Marajó Archipelago in Pará. From an audiovisual workshop, the ribeirinhos adolescents, students of the public school, participated in producing photographic and moving images, as well as narrating real or imaginary stories inserted in everyday life in the Amazonian forest. The analysis counted on theoretical references in Arts and Anthropology, and documentary films that instrumentalize the form of cinema making. Ethnography as a description and collection of cultures is advocated as a visual poetic process similar to Contemporary Art.

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 a 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

1. Contextualizando os Ribeirinhos do Rio Marinaú



Mapa Localização e Fotografia 1. Navegando pelo Rio Anapú/Arquipélago do Marajó.

Ribeirinhos do Rio Marinaú formam a Comunidade de São Sebastião com aproximadamente cem pessoas entre adultos, adolescentes e crianças residentes nas margens do rio e de igarapés. O Marinaú é um afluente do rio Anapú que banha a cidade de Portel entre outras pertencentes ao Arquipélago do Marajó e localiza-se no interior da FLONA de Caxiuana (a morada da cobra) no Estado do Pará. Entre muitas comunidades, os Ribeirinhos do Marinaú tem a floresta e o rio como espaços provedores da cultura alimentar: o açaí, a mandioca, o milho, a caça de animais silvestres e o peixe. Os ribeirinhos fazem parte do conceito defendido na Antropologia Brasileira por “povos da floresta”, tocando na célebre obra “Enciclopédia da Floresta” (2002). Nesta comunidade, existe uma vila central, onde se encontram: uma escola de ensino fundamental, uma igreja católica, uma casa refeitório secretaria e um galpão de reuniões e festas. A escola, portanto, tem um papel essencial na vida dos adolescentes e das crianças, e também das suas famílias. No ano de 2018, a escola passou a fazer parte de um projeto educacional sob a responsabilidade do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) que também responde pela Estação Científica Ferreira Penna (1993)², desta forma várias oficinas culturais são ministradas, e entre elas a de Audiovisual, ou melhor, a experiência com o registro da imagem e do som. O assunto norteador dos experimentos foi: as histórias de cada um. Quando esse tema foi proposto, percebemos certo mergulho nos pensamentos de cada um dos adolescentes. Argumentamos que

² Estação Científica Ferreira Penna (1993) é uma base de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), localizada na Flona de Caxiuana, dedicada ao estudo da sociobiodiversidade da Amazônia. Domingos Soares Ferreira Penna (1818/1888), naturalista e viajante brasileiro, fez a descrição do lugar – baía de caxiuana – como um espaço para a implantação de um centro de pesquisa de campo.

todos tem histórias, reais ou imaginárias, e estas histórias seriam filmadas com os dispositivos móveis, câmeras compactas e profissionais. Os alunos ficaram entusiasmados, mas também com dúvidas sobre como formular as suas histórias e como contá-las diante das câmeras. À luz do cineasta documentarista Eduardo Coutinho, um cenário natural foi escolhido, os equipamentos foram posicionados e os adolescentes passaram a desempenhar várias funções, desde câmera fixa para o registro dos depoimentos, os celulares no “*pau de self*”, a direção do “entrevistado”, bem como o cuidado com o “fazer silêncio” necessário para gravar a fala dos colegas. Impressionante verificar como todos respeitaram a ideia do “fazer cinema” a partir das próprias histórias de vida, da privacidade como fio condutor de um ensino/aprendizagem em audiovisual. A câmera se impõe como um instrumento que capta a “alma”, uma ideia bastante difundida desde os primeiros filmes documentários, evocando Dziga Vertov. Em consonância os alunos começaram a narrar, a entregar suas vidas diante da câmera como se ela fosse um confessor, muitos se emocionaram e os olhos marejados anunciavam uma história triste, enredos de protagonistas familiares e aparentados. Fascinante notar o monólogo estabelecido por cada um deles e provocado por um equipamento de registro de imagem e som. As histórias narradas e filmadas são o cerne deste trabalho e fomentam essas outras etnografias construídas por todos: os propositores e os protagonistas.



Fotografia 2. Estudantes em casco num igarapé do rio Marinaú.

2. Etnografia e Poética Visual - uma possibilidade de pesquisa entre a Antropologia e a Arte



Fotografia 3 e 4. Oficina de Audiovisual na Comunidade São Sebastião.

Quando chegamos à vila de São Sebastião fomos recebidos pelos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental da Comunidade de São Sebastião localizada no rio Marinaú. Como escrevemos acima, a escola pública tem um papel fundamental na vida das famílias, bem como de todos os alunos, crianças e adolescentes, estudantes daquela comunidade. A maior parte das propostas de oficinas educativas são bem recebidas e todos se empenham, especialmente os professores e as lideranças locais, para o sucesso das atividades. Tal apoio é fundamental, uma vez que, aquela região marajoara está distante de Portel, segunda maior cidade, perdendo apenas para Breves, e também de outras comunidades inseridas na Floresta Nacional de Caxiuanã.

O cotidiano segue uma narrativa ribeirinha: a casa nas margens do rio, o casco (pequena canoa de madeira) com motor de rabeta para o deslocamento entre uma comunidade e outra, alguns barcos grandes que transportam a farinha, produto derivado da mandioca produzido pelas famílias nas casas de farinha, e comercializada nas cidades de Portel, Melgaço e Breves. A produção da farinha é na maioria das vezes a única fonte de renda. Portanto, fazer a roça é uma atividade familiar: o homem retira a vegetação original, a mulher e os filhos tratam de coletar todos os paus, folhas, raízes, entre outros, e remover todo o material orgânico e preparar a terra para o plantio da mandioca e também do milho. Desta forma, os filhos trabalham com os seus pais desde muito cedo. Ir para a escola sempre foi um deslocamento difícil, uma vez que a criança participa ativamente desta atividade econômica. Portanto, a escola só é bem sucedida, equivalendo à frequência em sala de aula, se todos os moradores da comunidade entenderem o espaço escolar como o lugar de aprendizado e transformação social. A princípio parece que a Comunidade de São Sebastião está bastante empenhada na

escolarização dos filhos, uma vez que os pais são semialfabetizados. Segundo os professores, os alunos tem alta frequência, não só pelo interesse nos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas também pela estrutura oferecida: transporte de barco entre as casas e a escola, o café da manhã e a merenda, e o auxílio assistencial da bolsa família.



Fotografia 5. Casa ribeirinha na margem do rio Marinaú.

Desta forma, a Comunidade de São Sebastião forma um microcosmo estruturado pelas famílias do rio Marinaú e a escola está integrada neste universo, bem como os professores, que além das aulas, exercem múltiplas tarefas: coletar açaí, pescar, caçar, preparar a merenda, visitar as famílias e os estudantes, e todos os outros imprevistos que decorrem da vivência numa região isolada na Amazônia Paraense. Por outro lado, a comunidade revela um conhecimento profundo sobre as riquezas da floresta e parecem viver harmoniosamente com a mata ao redor das suas casas. Sabem reconhecer as plantas e identificar as aplicações curativas. E também possuem uma excelente audição para os ruídos dos animais, dos barcos, da velocidade do vento, entre outros necessários para a vida na floresta.

Sendo assim, o tempo que permanecemos na vila de São Sebastião não foi suficiente para “reter” as singularidades do cotidiano naquele rincão marajoara.

Contudo, a oficina de audiovisual desenvolvida contou com a participação dos alunos adolescentes, dos professores e do apoio das famílias, uma vez que fora desenvolvida num final de semana prolongado, a partir de sexta-feira à tarde, sábado e domingo, e segunda-feira pela manhã. Portanto, ao longo de três dias inteiros, os

estudantes estiveram em contato com os materiais – câmeras, microfone, *pau de self*, tripé, *go-pro*, celulares, com a estética do documentário, com noções de como captar o som, com o processo de produção, como por exemplo encontrar um cenário natural propício para as entrevistas, escolher um igarapé para mostrar uma vida com a forte presença da água, entre outros necessários para a confecção de filmes e fotografias.



Fotografia 6. Um tijolo como câmera.

Á luz do cineasta Eduardo Coutinho, os estudantes se identificavam e contavam uma história, porque partimos do pressuposto que todos têm histórias reais ou imaginárias, e elas podem revelar o potencial de cada um deles e também um olhar singular para a floresta.

Antes das entrevistas – histórias de cada um propriamente, realizamos uma sessão de fotos em fundo infinito. Cada estudante adentrava no cenário construído com tecido em algodão cru e nós realizávamos fotografias estáticas, e os alunos também clicavam com os seus celulares ³. O argumento partiu da ideia de valorização de cada um deles. Grandes fotógrafos também partem desta estética para retratar as pessoas,

³ Vários dispositivos móveis – celulares – registraram todos os momentos da oficina, formatando uma espécie de *Making Of*, apesar de poucos estudantes possuírem aparelhos.

como por exemplo, o norte-americano Irving Penn (1917-2009)⁴, que fotografou diferentes profissionais em fundo infinito procurando realçar a característica física e personalidade de cada um dos trabalhadores participantes do Projeto Pequenos Ofícios (1950/1951).



Fotografia 7. Descendo um igarapé no rio Marinaú.

Posteriormente, escolhemos um cenário natural, onde evidenciamos a floresta, e colocamos um tronco de árvore como assento, posicionamos a câmera sobre o tripé, falamos sobre a importância do silêncio no “set de filmagem”, uma vez que trabalhamos com o registro de som direto e assim todos os ruídos podem interferir na gravação das histórias.

O trabalho avançava e a oficina também era construída com a participação de todos, tínhamos um roteiro, mas não um percurso fechado, mesmo porque não tínhamos uma ideia precisa do que encontraríamos, e muito menos como seria o envolvimento dos estudantes.

Notamos que os estudantes que possuíam dispositivos móveis e os professores – Denise Leão e Evandro Ferreira de Oliveira – fotografaram e filmaram paralelamente a produção do material audiovisual oficial. Esse método não foi planejado anteriormente, mas tal procedimento foi excelente porque eles acompanharam os processos do “fazer cinema” com foco e entusiasmo, além de produzirem o próprio material.

⁴ Irving Penn Centenário, Exposição Fotográfica no Instituto Moreira Salles em São Paulo, 21 de agosto a 18 de novembro de 2018; ims.com.br.

As noções de compartilhamento e reciprocidade se fizeram presentes: tanto as histórias visuais como orais foram compartilhadas – vistas e ouvidas – por todos os alunos e professores, bem como a perspectiva decolonial ⁵, porque os estudantes participaram suas narrativas sem prévio encaminhamento, cada um contou o que quis dizer.



Fotografia 8. Entrevistando em cenário natural.

A vida ribeirinha foi tecida a partir das narrativas de cada um dos adolescentes do rio Marinaú.

Ao som do **Um, Dois, Três...**, como uma claquete, eles começaram a falar:

A primeira entrevista foi com a aluna Diselma Alves da Silva:

- Bom dia, meu nome é Diselma Alves da Silva, tenho 17 anos, estou cursando o nono ano e estou aqui para contar a minha estória.

Diselma não conseguiu falar (...), os olhos encheram de água e não conseguiu dizer nada.

Concluimos que o silêncio é a sua narrativa, bem como a sensação de “algo represado”, ali contido, ainda por ser elaborado.

⁵ Decolonial é uma perspectiva contemporânea apresentada no cenário acadêmico brasileiro que busca refletir e analisar a sociedade nacional com ênfase nas singularidades do país e do fazer ciência humana a partir de uma metodologia essencialmente brasileira e questionadora das formas coloniais européias, especialmente, em pensar o homem americano.

A segunda entrevista foi com o aluno José Raimundo Teixeira Farias:

- Bom dia, meu nome é José Raimundo Teixeira Farias, tenho 17 anos, estou no sexto ano, e quando eu era mais pequeno gostava de caçar com o meu irmão, um dia estávamos na floresta e encontramos uma onça, e ela se levantou e veio no nosso rumo, meu irmão foi atrás de um pedaço de pau, e eu fiquei na estrada e quando ela se aproximou e ficou muito perto de mim, meu irmão atirou nela, ela ficou desengonçada e desapareceu.

A terceira entrevista foi com a aluna Sebastiana Soares Mavigno:

- Bom dia, meu nome é Sebastiana Soares Mavigno, tenho 16 anos e estou no oitavo ano, vou contar sobre a minha vida, ano passado eu fui estudar no Caxiuanã, a professora disse que ia sair para pesquisar sobre a temperatura da água, eu fiquei curiosa porque não tínhamos equipamento nenhum (...).

A quarta entrevista foi com a aluna Michele (ela não disse o seu sobrenome):

- Meu nome é Michele, tenho 12 anos, estou cursando o sexto ano, e eu gosto de trabalhar com serragem com o meu pai, e um dia fui para o mato com ele e ele mandou calçar uma tora, o pau escorregou e caiu no dedo dele, essa é a minha história.

Várias entrevistas foram realizadas, aproximadamente trinta narrativas curtas, uma mais singular que a outra, cada uma com uma informação sobre o cotidiano deste Povo da Floresta.

A estudante Diselma não conseguiu dizer nada, mas o silêncio foi bastante revelador; José Raimundo disse sobre um dos maiores perigos da floresta: a onça; além da cobra, esse mamífero é extremamente temido, encontrá-lo cara a cara é razão de muito medo; a Sebastiana já traz um conteúdo de aula e diz sobre a curiosidade; e Michele diz sobre a proximidade com o pai. Portanto, cada um deles coloca um dado importante que estrutura a vida do homem ribeirinho.

A Etnografia em Antropologia é uma descrição, a princípio, escrita sobre uma etnia ou parte dela, um assunto potencialmente antropológico, necessário para uma análise posteriormente aprofundada sobre o tema. Desta forma, o nosso trabalho tangencia a etnografia, contudo a nossa proposta é lançar mão dos recursos visuais – fotografia e audiovisual – para a produção de material etnográfico. Produzimos muitas imagens fotográficas, em alta e média resolução, e também filmes entrevistas e da

natureza para a edição conjunta entre as imagens estáticas e as em movimento sonorizadas para compor um filme de curta-metragem ⁶.

Por outro lado, a oficina de audiovisual tem uma perspectiva poética e técnica, uma vez que a condução das atividades e o compartilhamento da forma de fazer imagens são absolutamente única, apesar das referências imagéticas presentes: Dziga Vertov (1896/1954), cineasta documentarista polonês, desenvolveu o conceito de cinema verdade e filma um homem percorrendo uma cidade soviética durante um dia (1929); Eduardo Coutinho (1933/2014), cineasta documentarista brasileiro, filma Últimas Conversas (2015), onde diversos estudantes do ensino médio falam sobre as suas expectativas de vida; e Michel Obert (1966), cineasta documentarista alemão, fez o filme Song From The Forest (2013) onde documenta um americano que viveu na África gravando os sons de uma comunidade de pigmeus. Cada um deles tem uma forma de fazer cinema, de fazer audiovisual, termo contemporâneo, assim a Poética Visual é constituída através do olhar e do fazer estético de cada um.



Fotografia 9. Sala de Aula na Escola Municipal da Comunidade São Sebastião.

Acreditamos no encontro de uma Etnografia apropriada a uma Poética Visual, ou pelo menos certa associação específica. Um método como uma “**fatura da etnografia**”. Em Artes Visuais falamos em fatura, ou seja, tudo o que compõe materialmente uma obra de arte. Neste trabalho, uma forma de aproximar a etnografia e a poética visual. Por fim, por uma etnografia mais poética: compartilhamento e

⁶ O material bruto – fotografia estática e em movimento – está em processo de decupagem para possíveis edições.

reciprocidade entre os fazeres – nós e eles, do nosso e o deles -, edificando, como uma parede (tijolo por tijolo), o NOSSO fazer.

As comunidades presentes na Flona de Caxiuanã ⁷ – Pedreira, Pracajurá, Caxiuanã, Santo Antônio, São Sebastião (existem várias comunidades católicas com o mesmo nome), entre outras – convivem com a quase ausência do Estado, desta forma a escola é uma instituição que representa o poder público, Portel especialmente, e também Melgaço, a cidade com menor IDH do país, apesar de certo relativismo necessário, com a contratação dos professores e barqueiros, portanto esses microcosmos procuram certa autonomia, seja na produção e transporte da farinha, seja na reforma da escola que conta com uma única sala de aula com vinte anos de existência, apesar da escola representar um respiro na vida de todos, um lugar onde não só os estudantes, mas as famílias vislumbram alguma mudança na estrutura social.

A vida ribeirinha divide-se praticamente em duas estações: verão e inverno, como quase todo o norte do país inserido no bioma amazônico. O verão muito quente e seco e o inverno com chuvas torrenciais, o primeiro é a época da fartura: peixe, mandioca e açaí (fruto rico em ferro, substitui o feijão, é servido com peixe), uma espécie de “café” de cada casa: o açaí é oferecido ao visitante como um copo de água ou uma xícara de café, não aceitá-lo representa uma grande ofensa. Portanto, gostar do açaí, especialmente puro, é como obter um passaporte para adentrar a casa de uma família e conversar sobre vários assuntos relativos à vida ribeirinha.

Apesar da localização e da ausência de eletricidade, apenas as comunidades com gerador tem por algumas horas a presença da luz elétrica, frequentemente no horário da novela das nove, portanto os estudantes e professores estão minimamente conectados. Eles resolveram dividir uma rede de internet na casa de um dos moradores próximos da Vila de São Sebastião, uma espécie de “Cyber Casa”⁸ com internet compartilhada. Quando ligam o gerador, a internet funciona, então algumas famílias vão até a Cyber Casa para consultar e-mails, baixar músicas, falar pelo WhatsApp. Não é mais possível pensar em comunidades sem conexão, sem contato com o mundo externo. É um caminho sem volta e, especialmente, os jovens almejam um dispositivo móvel justamente para conversar pelo menos com os outros jovens de outras comunidades.

⁷ Flona de Caxiuanã ou Floresta Nacional de Caxiuanã é uma unidade de conservação federal brasileira criada em 1961; é a floresta nacional mais antiga da Amazônia Legal; é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMbio; está localizada no Arquipélago de Marajó/Pará.

⁸ Cyber Casa é uma associação livre do termo cyber (abreviatura de cybernetic) café.

A comunidade está “plugada” através do dispositivo móvel – o celular, basicamente – desta forma a cultura como conceito tem novas escalas e velocidade, segundo a artista Clarissa Ribeiro (Ribeiro, 2018).

“... do Cultural Analytics Lab dirigido na Califórnia por Lev Manovich, inaugura o deleite de poder navegar por padrões cromáticos de imagens para que, nas palavras dos pesquisadores, seja possível ver a cultura em suas novas escala e velocidade” (Ribeiro, 2018).



Fotografia 10 e 11. A Professora Denise Leão no rio Marinaú e a “Cyber Casa”.

A Cultura Contemporânea, para pensar num conceito de cultura à luz da Antropologia, não tem uma forma exclusiva, é um híbrido, ora desloca para cá, ora para lá, dependendo do interesse da comunidade, dos líderes, e também dos objetos tecnológicos disponíveis, como por exemplo, as tecnologias móveis. Para o sociólogo italiano Massimo Di Felice (1970) a vida contemporânea está inserida numa rede digital (2014), portanto, fazemos parte dela, desde uma simples conta no banco onde movimentamos os cifrões de forma *online* ou com um cartão magnético nos caixas eletrônicos, onde atualmente podemos fazer transações bancárias apenas com as digitais; portanto é um caminho sem volta, não há no horizonte qualquer ação impeditiva desses procedimentos conectivos.

A vila de São Sebastião composta por uma igreja católica, a escola e uma casa refeitório secretaria, tem a “Cyber Casa” como a vizinha ao lado: os estudantes e suas famílias e os professores chegam à noitinha para consultar a internet e também para ver televisão, o único aparelho da Comunidade do Rio Marinaú. O proprietário da “Cyber Casa” não contava com tanto movimento à noite, uma vez que todos os dias recebe as “visitas”. Vale lembrar que o gerador faz parte da escola, mas fora comprado pela

comunidade que também o abastece com o combustível necessário. Durante o dia, professores, alunos e famílias estão ocupados com as tarefas do dia-a-dia, portanto, apenas à noite a “Cyber Casa” tem frequência.

Para o estudioso francês Nicolas Bourriaud (2009), as conversas entre amigos, colegas e desconhecidos acontecem em diferentes ambientes, existe um empurrão mercantil que faz as pessoas se encontrarem em volta de uma bebida. No Marinaú, estes espaços de convívios contemporâneos são quase inexistentes, se não fosse pela presença da vila com os seus carentes equipamentos sociais: a igreja e a escola, e atualmente a vizinha “Cyber Casa”. Bourriaud argumenta sobre a estética relacional presente na Arte Contemporânea, onde o pensamento artístico é desenvolvido em espaços diversos, não só no Ateliê do Artista, como também em torno de uma mesa em um bar, por exemplo. O livre pensamento produz ideias e projetos artísticos capazes de movimentar o campo do fazer em arte. A “Cyber Casa” não é um bar, não tem uma mesa, mas tem a energia e a conexão digital capazes de promover uma outra forma de pensar e viver do homem ribeirinho.



Fotografia 12. Interior de uma casa ribeirinha.

Atualmente, o que é ser ribeirinho? Existe uma definição precisa? O passado ainda permanece no presente? A questão colocada diz sobre uma geração – parentes próximos e distantes (avós, pais, tios, primos, filhos) – com uma perspectiva de vida diferente dos adolescentes do Marinaú, por exemplo. A perspectiva contemporânea é absolutamente tecnológica, entendemos que a oficina de audiovisual fez tanto sucesso porque contempla tal entusiasmo: eles produziram imagens – fotografia e filmes diretos

– para a inserção nas redes sociais; de certo modo também participam da rede digital mundial, de alguma forma estão inseridos no contexto global.

Lembramos da pequena Sofia, uma menininha de dois anos de idade, da Comunidade da Pedreira: “... *bora fazer self mãe...*”. Ela pode reproduzir o que os adultos falam e fazem, contudo esse tipo de autorretrato já faz parte da sua forma infantil de pensar.

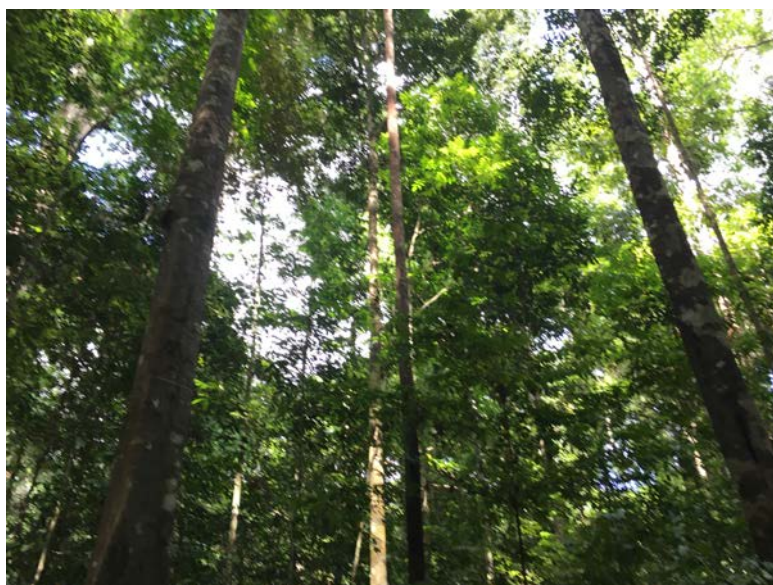
Assim, não se trata mais de uma comunidade isolada, o ribeirinho reside num lugar de difícil acesso, é inegável, contudo a presença de uma conexão digital faz a diferença. Os adolescentes especialmente desejam maior conectividade social. E tal desejo não parece negativo, uma vez que a cultura é um movimento dinâmico, é este híbrido, anteriormente escrito, que engloba, subtrai, soma, multiplica, reproduz em escala exponencial. E em nenhum momento, ouvimos qualquer um dos moradores do Marinaú dizer sobre a vontade de ir embora, de morar em outro lugar, de buscar outra forma de vida. Eles parecem felizes apesar de todas as dificuldades cotidianas.

Simultaneamente, a Comunidade de São Sebastião convive com histórias imaginárias que compõem o universo simbólico do Rio Marinaú. O “Cara Rachada” é um homem velho com uma bengala, tem o rosto cortado, o sangue escorre pelo corpo, é feio e aparece quando as crianças entram na floresta ou se aproximam da mata. O “Cara Rachada” é conhecido por todos os estudantes da escola da vila. No domingo, quando os adolescentes pegaram o barco para retornarem às suas casas, dissemos: “cuidado com o cara rachada”. E uma das alunas revidou: “cuidado vocês, o cara rachada está na vila”.

Essa lenda da floresta no Marinaú lembra as várias histórias contadas na região norte do país. Entre elas, a lenda do boto: homem bonito, habitante dos rios amazônicos, aparece para as meninas e as seduzem. Portanto, de alguma forma, as lendas revelam como os moradores tratam algumas situações que “não podem ou não querem” vir a público. O cara rachada de alguma forma funciona como um impedimento para as crianças e os adolescentes não entrarem sozinhos na floresta. A floresta por sua vez é um lugar desconhecido, isto é, por mais que o homem conheça a mata, ele não tem total controle do espaço. O boto é um ser mitológico que seduz as jovens e posteriormente elas aparecem grávidas. Neste caso, as meninas não podem ou não querem revelar quem as engravidou.

No filme Encantados (2014) de Tzuka Yamasaki (1949), a cineasta brasileira narra cinematograficamente o contato entre um boto e a menina Zeneida, que possui poder de ver, ouvir e falar com um encantado, isto é, com um ser invisível, pertencente

ao reino da natureza. No drama, a protagonista sofre discriminação por parte da família e dos empregados, e em certo momento desaparece, voltando depois de algum tempo, já com poderes sobrenaturais. Entretanto, essa parece ser uma história real: Zeneida Lima é uma pajé que vive em Soure no Marajó, é conhecida pelos poderes curativos e atende todas as pessoas que a procuram com problemas diversos, especialmente, doenças. Em uma determinada entrevista esboçou: “... os médicos não resolvem problemas de magia...”⁹ (2018).



Fotografia 13. Floresta Nacional de Caxiuanã, Marajó, Pará.

À luz da obra *Amazônia Lugar da Experiência* (2013), a Amazônia Brasileira ainda é o lugar do desconhecido, do mágico, das anacondas, das onças, mas também é o espaço da experimentação. Os ribeirinhos do Marinaú fazem parte desse universo e parecem conviver em harmonia entre uma forma de vida tradicional e a presença contemporânea da tecnologia.

As articulações entre a Etnografia e a Arte, entre a Antropologia e o Audiovisual (Cinema), não são a princípio totalmente racionais, como a cultura também não é. Existem espaços do oculto, do não dito, do que está por dizer e nunca o será. Fazer etnografia é um fazer também poético porque depende do pesquisador e dos seus métodos de descrição selecionados. Ao mesmo tempo, fazer Arte também é um

⁹ Clara Pugnali (1955), jornalista brasileira, entrevistou Zeneida Lima por ocasião da produção de um livro sobre mulheres pajé no Brasil (2018).

processo em desenvolvimento, muitas vezes a riqueza da obra está entre a ideia e o resultado, e não na obra concluída.

“Para apreciar a arte de determinado período, devemos tentar recuperar a “maneira de ver” que os artistas do período em questão presumiam implicitamente que o público traria consigo ao considerar suas obras. Uma das tarefas do historiador da arte é facilitar esse processo, apresentando elementos do contexto histórico. A antropologia da arte, poderíamos concluir, tem por objetivo mais ou menos semelhante, ainda que aquilo que tem de ser elucidado seja a “maneira de ver” de um sistema cultural, e não de um período histórico”. (GELL; 2018, p. 25).

O antropólogo inglês Alfred Gell (1945/1997) ressalta na citação acima, o sistema cultural, as articulações visuais, sociais, políticas e econômicas evidenciadas ou não e presentes em uma determinada cultura. A maneira de ver é um aspecto cultural, para além do fisiológico, o que não importa muito, a exceção dos extremos do planeta, onde o branco tem uma variedade de tons e só identificados pela etnia esquimó. Neste sentido, a maneira de ver revela como as pessoas de uma cultura conseguem refletir e expressar a materialidade ou imaterialidade do pensamento. No Marinaú, os adolescentes participantes da oficina de audiovisual parecem conviver plenamente com a floresta e a tecnologia, mesmo em algumas horas da noite.



Fotografia 14. Igreja Católica de São Sebastião.

3. Considerações Finais: o texto em processo



Fotografia 15. Retrato de Aluna em fundo infinito.

Este é um primeiro escrito sobre a experiência empreendida na Comunidade São Sebastião no rio Marinaú¹⁰, portanto é um texto em processo, nada está concluído e nem sabemos se estará. A oficina de audiovisual ministrada na escola pública contou com os adolescentes acima de 12 anos de idade que participaram ativamente das filmagens, registros fotográficos e imagens em movimento sonorizadas. Foram produzidos materiais por nós artistas/pesquisadores e por eles, estudantes e professores. Pretende-se futuramente uma exibição do filme ou filmes que serão editados. Até o momento, todos nós conhecemos fragmentos dos materiais filmados: os nossos e os deles. Quando da projeção dos filmes e fotografias comporemos um produto imagético maior e também mais complexo, maiores informações visuais serão evidenciadas.

As fotografias e os filmes (em estado bruto e/ou minimamente decupados até o momento) tece uma relação entre a Etnografia e a Poética Visual, toca na Antropologia e na Arte. Consideramos e, em certa medida, defendemos a Etnografia como uma forma

¹⁰ Essa experiência aconteceu por ocasião do projeto “Expedição NORTEAR 2018” sob a direção e coordenação de Prof. Msc. Luiz Adriano Daminello (FAV/ICA/UFPB). A experiência contou com cinco artistas/pesquisadores em Residência Artística na Flona de Caxiuana, onde oficinas de audiovisual foram ministradas em algumas comunidades ribeirinhas.

poética, porque depende diretamente de quem a faz. A Fotografia Estática e a Fotografia em Movimento Sonorizada são as linguagens e técnicas por nós trabalhadas.

A partir da estratégia do *mind map*¹¹ – um desenho das articulações entre teóricos, fotógrafos, artistas, cineastas, antropólogos, fluxos de pensamentos e dos materiais brutos produzidos – costuramos esta reflexão. Este texto escrito também faz parte de um processo criativo que tem o fazer etnográfico como fim, portanto o processo do fazer em etnografia e em poética visual, fazendo uma licença poética: uma etnografia poética na Flona de Caxiuanã, no Marajó, na Amazônia Paraense.

Os ribeirinhos do Marinaú foram os protagonistas das nossas imagens, especificamente, os adolescentes da escola pública. Tradicionalmente suas famílias vivem na Flona de Caxiuanã por mais de cinquenta anos, portanto meio século de floresta e de história conhecida. Não perguntamos como as suas famílias chegaram lá, mas disseram que Belém do Pará é mais longe do que Macapá no Amapá. Vivem assim entre dois estados, nem lá e nem cá, entre a localização oficial e a convivência social e econômica. Em certa medida, esse deslocamento influencia a forma de pensar e de se situar no tempo e espaço, a ordem das coisas e da vida, mesmo com a presença da floresta como lugar de constante aprendizado.



Fotografia 16. Equipe de Estudantes e Professores na Oficina de Audiovisual.

¹¹ Mind Map – mapa mental (tradução livre), um tipo de diagrama que sistematiza as ideias relativas a um determinado assunto.

Segundo o estudioso inglês Will Gompertz (2015), os artistas são curiosos de verdade, querem saber de tudo e de todos; os estudantes da Comunidade de São Sebastião agiram desta forma: com curiosidade; se comportaram como pessoas interessadas e por vezes repetiam fragmentos da aula teórica ministrada anteriormente à produção de imagens.

“Você não pode produzir algo interessante se não estiver interessado em algo”.

(GOMPERTZ; 2015, p. 59)

Os estudantes e os professores foram extremamente receptivos e desejosos das tecnologias apresentadas, desde a aula introdutória, onde foram expostos conceitos básicos do fazer audiovisual até o momento onde filmaram com os seus celulares e também com outras máquinas. Percebemos o entusiasmo somente em ver como entrevistar (entrevista-los) em meio a um cenário natural, a floresta como fundo infinito. Eles são povos da floresta – vivem a mata em sua intensidade, tiram dela a sobrevivência, caminham por ela com respeito e cuidado -, querem essa dimensão verde e intacta, mas também o dispositivo móvel para que possam se conectar a outros mundos próximos ou longínquos.

O Marinaú revela as suas faces em cada curva do rio onde se encontra uma casa palafita, um casco ancorado, uma canoa de rabeta.

Referências Bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional; tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. – (Coleção Todas as Artes).

COTTON, Charlotte. A Fotografia como Arte Contemporânea; tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Coleção arte&fotografia).

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (orgs.). Enciclopédia da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GELL Alfred. Arte e Agência: uma teoria antropológica; tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2018. – (Coleção Argonautas).

GOMPERTZ, Will. Pense como um artista... e tenha uma vida mais criativa e produtiva; tradução de Cristina e Iara Fino. 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEMOS, Ronaldo; DI FELICE, Massimo. A Vida em Rede. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

MANESCHY, Orlando Franco (org.). Amazônia, lugar da experiência. Belém: Ed. UFPA, 2013.

RIBEIRO, Clarissa. Quando a Inteligência é Artificial (nota de esclarecimento ou ode ao Uirapuru). Artigo não publicado, 2018. (cr@clarissaribeiro.com.)

OHATA, Milton (org.). Eduardo Coutinho. São Paulo: Edições SESC, 2014.

Referências Fílmicas

COUTINHO, Eduardo. Últimas Conversas. Brasil: Videofilmes, 2015.

YAMASAKI, Tizuka. Encantados. Brasil: Globo Filmes, 2014.

OBERT, Michel. Song From The Forest. Alemanha: Tondowski Films, 2013.

VERTOV, Dziga. O Homem com uma câmera. URSS: s/p, 1929.